

## OS PROCESSOS DO ENSINO E DA APRENDIZAGEM NA ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO A PARTIR DA INTERDISCIPLINARIDADE

Juliana Basso Ansiliero<sup>1</sup>  
Ortenila Sopelsa<sup>2</sup>  
Unoesc – Campus de Joaçaba  
“Agência Financiadora: não contou com financiamento”

### Resumo

O presente estudo tem por objetivo investigar como a interdisciplinaridade pode contribuir nos processos do ensino e da aprendizagem na alfabetização e letramento no primeiro ano do Ensino Fundamental. Está sendo desenvolvido por meio de uma pesquisa qualitativa, com abordagem participante e envolve sete professores, incluindo o regente de turma, bem como os demais das diferentes áreas de conhecimento (Artes, Educação Física, Filosofia, Inglês, Italiano e Informática) e os alunos matriculados no primeiro ano do ensino fundamental no período matutino, referente ao ano letivo de dois mil e catorze. Apresenta como principais teóricos Soares (2003-2012), Morin (2004-2010), Japiassu (1976), Frigotto (2008), Freire (1987-2011). A coleta de dados está sendo realizada a partir de entrevistas semiestruturadas, grupo de estudos, observação participante, diário de bordo, bem como planejamentos, elaboração de projetos e atividades de ensino de forma coletiva. Até o momento, a análise de dados refere-se à entrevista e ao grupo de estudo realizado com os professores do primeiro ano do Ensino Fundamental e busca identificar as percepções desses quanto aos temas alfabetização, letramento e interdisciplinaridade, tecendo reflexões pautadas no aporte teórico em relação às questões de complexidade, relevância e fragilidades frente à presença desses temas no contexto escolar investigado. Os professores sinalizam situações e diversidades relacionadas à interdisciplinaridade no contexto escolar, bem como ressaltam a necessidade de pensar a prática pedagógica contextualizada e de forma coletiva.

**Palavras Chave:** Ensino. Aprendizagem. Alfabetização. Letramento. Interdisciplinaridade.

### INTRODUÇÃO

O interesse em pesquisar sobre Alfabetização e Letramento a partir da interdisciplinaridade, deve-se tanto à experiência acadêmica quanto profissional, pois ao atuar e interagir com

<sup>1</sup> Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade do Oeste de Santa Catarina (Unoesc).

<sup>2</sup> Professora do Programa de Mestrado em Educação da Universidade do Oeste de Santa Catarina (Unoesc).

os profissionais docentes de diferentes áreas de conhecimento, fomentou-se a necessidade de um olhar mais atento diante da fragmentação do ensino.

Assim, a proposta de um trabalho pedagógico mais articulado entre docentes e as diferentes áreas de conhecimento passou a ser construído no ambiente escolar, mas uma das fragilidades encontradas foi a necessidade de aprofundamento teórico.

Ao buscar respaldo teórico frente à ruptura da fragmentação do conhecimento e da clausura da disciplina em si mesma nos processos do ensino e da aprendizagem, visualizou-se como possibilidade a interdisciplinaridade que, de acordo com Japiassu (1976, p.74), “se caracteriza pela intensidade das trocas entre os especialistas e pelo grau de integração real das disciplinas, no interior de um projeto específico de pesquisa”.

Ainda, o termo interdisciplinaridade como possível resposta à necessidade emergente de integrar as disciplinas e de contextualizar os conteúdos de ensino de forma mais significativa, está cada vez mais presente nos referenciais teóricos, documentos oficiais e no próprio vocabulário dos profissionais da educação.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, p.44) se apoiam na contextualização, na interdisciplinaridade e ressaltam que “ao contrário de uma concepção de ensino e aprendizagem como um processo que se desenvolve por etapas, em que a cada uma delas o conhecimento é acabado, o que se propõe é visão da complexidade e da provisoriidade do conhecimento”.

Nesse sentido, a pesquisa considera a seguinte problemática: Como a interdisciplinaridade pode contribuir nos processos do ensino e da aprendizagem na alfabetização e letramento no primeiro ano do Ensino Fundamental?

No intuito de compreender a questão apresentada, o estudo tem por objetivo geral investigar como a interdisciplinaridade pode contribuir nos processos do ensino e da aprendizagem na alfabetização e letramento no primeiro ano do Ensino Fundamental. A fim de desenvolver a presente temática elaborou-se como objetivos específicos: a) Identificar a percepção dos professores do primeiro ano do Ensino Fundamental em relação à alfabetização e letramento; b) Investigar qual a percepção sobre interdisciplinaridade e práticas pedagógicas interdisciplinares desenvolvidas pelos professores na alfabetização e letramento no primeiro ano do Ensino Fundamental; c) Verificar quais atividades de ensino podem ser desenvolvidas de forma interdisciplinar com professores e alunos do primeiro ano do Ensino Fundamental.

Assim, o presente estudo está sendo desenvolvido por meio de uma pesquisa qualitativa com abordagem participante. Segundo Richardson (2010, p. 90), pesquisa qualitativa é a busca por “uma compreensão detalhada dos significados e características situacionais”, a qual apresenta caráter exploratório e aspectos subjetivos dos fenômenos.

Por acreditar na relevância do envolvimento com o contexto escolar, bem como na possibilidade de estabelecer relações de interação entre professores e alunos, o ensinar, o aprender, as intervenções, ressalta-se que esta pesquisa apresenta abordagem participante.

De acordo com Gajardo (1986), a pesquisa participante é o termo usado para fazer referência às experiências que procuram conhecer, transformando. Segundo a autora,

é no campo (no nosso caso, a escola) que surgem os ‘temas’ para ‘discussão, reflexão e ação’, e são os alunos participantes que através da discussão das unidades, objetivam um problema do meio, problematizam sua situação, colocam-se como sujeitos ativos e protagonistas, buscando, a partir de sua experiência e realidade, um caminho de ação eficaz para enfrentá-los (p. 32, grifos da autora).

Além disso, de maneira específica, o presente estudo visa abordar como a interdisciplinaridade pode contribuir para os processos do ensino e da aprendizagem na alfabetização e letramento no primeiro ano do Ensino Fundamental, pois a pesquisa participante é fundamental, possibilita a aproximação e a contextualização com professores e alunos.

A pesquisa está sendo realizada na instituição Centro Municipal de Educação Básica “Vereador Avelino Biscaro”, localizada no município de Salto Veloso-SC, no bairro Escolar, a qual a partir de 2004 passou a atuar em regime de nove anos, atendendo alunos do 1º ao 9º ano, correspondendo no ano de 2014 a um total de 425 alunos, nos períodos matutino e vespertino. A instituição adota o regime de ciclos de aprendizagem e nessa organização propõe a dinâmica de acompanhamento da mesma professora durante o período correspondente a cada ciclo.

O corpo docente compreende o total de quinze professores, todos com habilitação em pedagogia ou de acordo com a área de conhecimento em que atua. Faz uso de um sistema de ensino no qual o material didático utilizado é do SEFE – Sistema UniBrasil e livros didáticos oferecidos pelo MEC.

O presente estudo envolve sete professores, incluindo o regente de turma, bem como os demais das diferentes áreas de conhecimento (Artes, Educação Física, Filosofia, Inglês, Italiano e Informática) e os alunos matriculados no primeiro ano do ensino fundamental no período matutino, referente ao ano letivo de dois mil e catorze.

Os professores entrevistados que atuam com o primeiro ano, período matutino do Ensino Fundamental, foram identificados com letras maiúsculas para proteger sua imagem, bem como para manter sigilo sobre as informações. O perfil dos professores pesquisados está apresentado conforme o quadro:

Professores	Formação	Tempo de atuação	Tempo de experiência no 1º ano	Carga horária (semanais)
A	-Pedagogia -Especialização em Ciências	21 anos	8 anos	40 horas
B	-Licenciatura em Educação Artística	13 anos	11 anos	40 horas
C	-Licenciatura em Educação Física -Especialização em Psicomotricidade	5 anos	5 anos	40 horas
D	-Pedagogia -Especialização em Psicopedagogia	20 anos	3 anos	20 horas
E	-Letras – Português e Inglês -Especialização em Interdisciplinaridade na Prática Pedagógica	8 anos	8 anos	40 horas
F	-Pedagogia -Especialização em Interdisciplinaridade -Cursos em Língua Italiana	8 anos	8 anos	40 horas
G	-Pedagogia -Especialização em Psicopedagogia e Ensino e Gestão da Educação Básica	13 anos	10 anos	40 horas

A coleta de dados apresenta como instrumentos de pesquisa a entrevista semiestruturada, sendo que os itens versaram sobre a percepção dos professores em relação à alfabetização e letramento, as dificuldades vivenciadas no primeiro ano do Ensino Fundamental e a percepção da interdisciplinaridade nos processos do ensino e da aprendizagem no primeiro ano do Ensino Fundamental, realizada em dia e horário combinado com os professores.

A abordagem participante iniciou com grupo de estudos de professores que atuam no primeiro ano do ensino Fundamental, etapa esta em construção, que possibilita a interação com o contexto escolar, o aprofundamento teórico, bem como a reflexão dos processos do ensino e da aprendizagem na alfabetização e letramento articulada com a interdisciplinaridade, buscando nas leituras e discussões pensar a prática pedagógica contextualizada e planejamento coletivo.

Acredita-se que por meio das reflexões do grupo de estudo será possível planejar coletivamente e verificar quais atividades de ensino podem ser desenvolvidas na alfabetização e letramento de forma interdisciplinar com professores e alunos do primeiro ano do Ensino Fundamental. Os encontros realizados, as observações e o planejamento são registrados em um diário de campo.

A análise de dados contempla até o momento as entrevistas e o início do trabalho com o grupo de estudo em relação às dificuldades vivenciadas pelos professores, aprofundamento teórico em torno da alfabetização e letramento e da interdisciplinaridade. Também se ressalta que no decorrer do desenvolvimento da pesquisa será dada continuidade a análise mais aprofundada das reflexões do estudo de grupo concomitantemente aos demais instrumentos como a observação participante, o diário de bordo, planejamento e elaboração de atividades de ensino, sempre estabelecendo relação com o referencial teórico.

Segundo Gatti (2012, p. 28),

para além do domínio metodológico, há uma questão que afeta tanto as possibilidades de enunciação de problemas investigativos, como a abordagem de campo e a leitura e a interpretação dos dados. Trata-se do domínio de um repertório bibliográfico mais amplo, que permita a criatividade construtiva do pesquisador, seja na fundamentação de seu problema, seja na atribuição de significado aos dados.

Dessa forma, é de suma importância ter uma base teórica consistente que permita sustentação às reflexões do pesquisador, que possibilite clareza na argumentação e análise dos dados.

A presente pesquisa está articulada ao projeto observatório, “Estratégias e Ações Multidisciplinares nas Áreas de Conhecimentos das Ciências Humanas, Ciências da Natureza e Linguagens, na Mesorregião do Oeste Catarinense: implicações na qualidade da Educação Básica— Sistema Integrado Capes-SICAPES/2013-216”, em desenvolvimento, no Programa de Mestrado em Educação da Unoesc, que inclui entre seus objetivos a) Subsidiar teoricamente os professores das escolas municipais a elaborar coletivamente estratégias de ações; b) Monitorar o desenvolvimento das ações multidisciplinares a serem desenvolvidas nas escolas.

## A INTERDISCIPLINARIDADE ARTICULADA A ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NOS PROCESSOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Ao longo dos anos a educação brasileira revela um conflituoso e divergente cenário teórico, metodológico e de políticas públicas relacionadas à alfabetização escolar. Por muito tempo o conceito de alfabetização ficou enraizado à ideia de que para aprender a ler, escrever e interpretar era apenas necessário decodificar os sinais gráficos, bem como apresentar a capacidade de codificar os sons da fala.

A partir de 1980, as teorias passam a compreender o aprendizado da escrita muito além do domínio da correspondência grafema e fonema, mas como um processo dinâmico e ativo, com possibilidade de construção e reconstrução do conhecimento. Então, o letramento passou a ser incorporado ao tema alfabetização, no entanto sua definição é complexa e envolve diferentes relações e contextos.

No Brasil o termo letramento foi usado pela primeira vez por Kato (1986) numa obra intitulada “No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística”. Depois disso, muitos autores se interessaram pelo tema, tendo como consequência diversas pesquisas científicas.

Freire (1987, p.8) utilizou o termo alfabetização com um sentido aproximado de letramento, “aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade”.

Contribuindo ainda na reflexão da complexidade e proximidade dos termos alfabetização e letramento, Soares (2003), ressalta que esses conceitos são frequentemente sobrepostos e que,

é importante distingui-los, ao mesmo tempo que é importante também aproximá-los: a distinção é necessária porque a introdução, no campo da educação, do conceito de letramento tem ameaça do perigosamente a especificidade do processo de alfabetização; por outro lado, a aproximação é necessária porque não só o processo de alfabetização, embora distinto e específico, altera-se e reconfigura-se no quadro do conceito de letramento, como também este é dependente daquele (p. 90).

Apesar da diversidade significativa de estudos, reflexões e publicações nas últimas décadas a respeito da alfabetização e letramento, bem como iniciativas apontadas pelas políticas públicas de alfabetização com ênfase na formação continuada de professores, os dados revelam uma triste realidade quanto à alfabetização no Brasil.

Partindo das concepções emergentes da contemporaneidade observa-se que revelam à racionalidade fechada da ciência moderna, com especificações e um saber individualizado, assim como a fragmentação, a superficialidade e o reducionismo dos saberes, negligenciando por vezes a essência e aprofundamento da disciplina.

Nesse sentido, Morin (2010, p.135), ressalta que “sabemos cada vez mais que as disciplinas se fecham e não se comunicam umas com as outras. Os fenômenos são cada vez mais fragmentados, e não se consegue conceber a sua unidade”.

É preciso superar as fronteiras disciplinares, as dimensões hierarquizadas para a possibilidade de um pensamento mais elaborado e profundo, com percepção de uma realidade complexa e dinâmica. Nessa direção, Demo (2008, p.9), ressalta que “é preciso superar o conhecimento ‘disciplinarizado’, porque, reduzindo a realidade ao olhar de apenas uma disciplina, só pode ser deturpante; em vez de ‘construir’ a realidade, ‘invente-a” (grifos do autor).

Discussões como estas são pertinentes e possibilita a ampliação de pesquisas na área da educação com ênfase em abordagens multidisciplinares, interdisciplinares e/ou transdisciplinares, entre elas o tema alfabetização e letramento. Segundo Gatti (2006, p. 33), “com isso há sinalizações de novas tendências no desenvolvimento da pesquisa em educação com despreendimento de estritos campos disciplinares e avanços na procura de interfaces e diálogos pertinentes interáreas, diferentes abordagens e diferentes modos de teorização”.

Assim, a interdisciplinaridade apresenta-se como um movimento de articulação de saberes, com uma visão mais totalizadora da realidade, rompendo fronteiras, partilhando o domínio do saber, fomentando a integração, a interação e a colaboração. No entanto, faz-se necessário permitir-se ser interdisciplinar, ter atitude e estar aberto ao outro e ao novo, conforme propõe Japiassu (1976, p.138),

(...) o verdadeiro espírito interdisciplinar consiste nessa atitude de vigilância epistemológica capaz de levar cada especialista a abrir-se às outras especialidades diferentes da sua, a estar atento a tudo o que nas outras disciplinas pode trazer um enriquecimento ao seu domínio de investigação, (...) não exige que sejamos competentes em vários campos do saber, mas que nos interessemos, de fato, pelo que fazem nossos vizinhos em outras disciplinas.

Entretanto, romper com certos paradigmas existentes tanto no processo do ensinar como do aprender, não é uma simples ação. Toda ação educativa é intencional, porém o que diferencia uma ação de outra, é a concepção educacional acerca do que é ensinar e do que é aprender, qual intervenção e qual encaminhamento teórico metodológico é necessário para desenvolver o processo educativo.

Nesse contexto, os processos do ensino e da aprendizagem configuram-se em uma busca por conhecimentos pedagógicos-didáticos que auxiliem o docente em sua prática educativa, na qual o conhecimento seja compreendido com significado por parte do aluno, considerando a ação mediadora. Vygotsky (1994) aponta essa mediação do professor como provedora de avanços no desenvolvimento dos alunos e também promotora de situações incentivadoras da curiosidade.

Assim, ao pensar a temática alfabetização e letramento de forma interdisciplinar não há como negarmos a presença das interações, tanto no que se refere a respeito dos conhecimentos prévios e a vivência social dos alunos, esse ser biológico e cultural que se constitui na aproximação com o outro; bem como valorar a natureza e a historicidade dos diferentes saberes das disciplinas, dialogando e refletindo de forma integrada e colaborativa nos processos do ensino e da aprendizagem.

De acordo com Frigotto (2008, p. 43),

O caráter necessário do trabalho interdisciplinar na produção e na socialização do conhecimento no campo das ciências sociais e no campo educativo que se desenvolve no seu bojo não decorre de uma arbitrariedade racional e abstrata. Decorre da própria forma do homem produzir-se enquanto ser social e enquanto sujeito e objeto do conhecimento social.

Ao articular a temática em pauta proposta com o contexto escolar e a percepção dos professores do primeiro ano do Ensino Fundamental em relação à alfabetização e letramento, faz-se relevante considerar apontamentos que reiteram a complexidade, a contextualização e o entendimento dos termos.

Em muitos dos depoimentos a alfabetização se centrou em torno do domínio dos códigos, saber ler e escrever. No entanto, a argumentação da Professora G faz referência ao processo do ensino e aprendizagem ao pontuar que “a alfabetização é o processo que envolve o ensino e a aprendizagem das habilidades da leitura e a escrita. É a ação de tornar o sujeito capaz de dominar os códigos, ler e escrever”, evidencia-se não apenas o caráter de apropriação do código pelo aluno e da aprendizagem, mas também a questão da compreensão do ensino na alfabetização e, segundo Rameh e Araújo (2006, p. 17), “alfabetizar não é apenas ensinar as letras, as sílabas, as frases. É preciso saber as razões, o como e o quando alfabetizar”.

Isso reitera a questão da intencionalidade e da busca por conhecimentos que auxiliem a prática educativa e fomente a postura mediadora do professor, a qual “significa, antes de qualquer coisa, estar entre os conhecimentos e o aprendiz e estabelecer um canal de comunicação entre esses dois pilares” (BIZZOTTO, et. al, 2010, p. 38).

Além do conhecimento por parte do professor, o ambiente escolar também precisa ser alfabetizador e colaborativo, no qual os professores oportunizem seus alunos a descobrir e construir conhecimentos a partir de uma aprendizagem contextualizada e significativa, o que requer oportunizar condições para que pense e compreenda o que está sendo trabalhado.

A percepção do Professor E, em relação à alfabetização apresentou-se com um sentido mais amplo ao relatar: “compreendo como um indivíduo alfabetizado, um indivíduo que é capaz de ler, quando eu falo ler, eu falo no sentido de interpretar, ler o mundo e os diversos discursos que encontramos na sociedade e não apenas pronunciar palavras”. A compreensão de alfabetização está relacionada ao termo letramento, pois faz referência a uma leitura além da decodificação, que possibilita o envolvimento com as práticas sociais.

Com relação ao termo letramento, pontuam-se observações distintas. Em algumas considerações vinculou-se a ideia de letramento a uma etapa de continuidade da alfabetização pautada na escrita, podendo ser constatada na fala do Professor C “letramento é quando a criança consegue assimilar, ouvir, entender o que significa e escrever, eu acredito que é isso” e do Professor F “eu acredito que seja dentro da escrita, reescrita e de expor suas ideias”.

Percebe-se a partir das falas a dimensão individual do letramento que envolve dois processos: o ler e o escrever, mas que requerem habilidades diferentes conforme ressalta Soares (2012, p. 69-70),

Enquanto as habilidades de leitura estendem-se da habilidade de decodificar palavras escritas à capacidade de integrar informações provenientes de diferentes textos, as habilidades de escrita estendem-se da habilidade de registrar unidades de som até a capacidade de transmitir significado de forma adequada a um leitor potencial. (...) essas categorias na se opõem, complementam-se.

Já em outras considerações, reiterou-se ao termo letramento a dimensão social, a leitura e contato com o mundo letrado, assim como a compreensão/leitura de mundo por parte do sujeito, como na fala do Professor A que relata: “letramento é o contato com o mundo letrado, pois a criança pode ainda não saber ler, mas já tem contato com livros, revistas, etc”, do Professor B: “quando a criança faz a leitura de mundo, de uma obra, do seu cotidiano, do que faz parte do seu contexto, uma interpretação da sua realidade”, e do Professor G: “é interagir com a prática social da leitura e escrita, ter contato e fazer interpretações do seu contexto, do seu mundo”.

Nesse sentido, Goulart (2007, p. 55) ressalta que:

Aprender a ler imagens, sons, objetos amplia nossas possibilidades de sentir e refletir sobre novas ações que criem outras formas de vida no sentido de uma sociedade justa e feliz, assim como incita as crianças a também se tornarem autoras de suas produções e de suas vidas ao mesmo tempo em que se responsabilizam pela nossa herança cultural, por descobrirem seu valor.

No entanto, o letramento pode ser compreendido como uma condição ou estado que envolve não apenas o saber ler e escrever, mas as práticas sociais de leitura e escrita, questão essa pontuada na fala do Professor E:

Eu compreendo como uma pessoa que consegue interpretar os diferentes discursos que nos encontramos. Nós vivemos num mundo muito letrado, encontramos textos em diversas situações e diversos contextos, às vezes a pessoa pode saber pronunciar palavras, saber ler (...), mas pode não ser letrada, entender os diferentes discursos que ela encontra na sociedade.

Ao referir-se a importância tanto do conhecer e compreender o funcionamento do sistema de escrita, assim como o envolvimento em práticas sociais letradas, Tfouni (1995, p.16) esclarece que “enquanto a alfabetização se ocupa da aquisição da escrita por um indivíduo, ou grupo de indivíduos, o letramento focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição de uma sociedade”.

Dessa maneira percebe-se a complexidade diante de definir um único conceito ao termo letramento, pois envolve um conjunto de fatores que enfatizam habilidades e conhecimentos individuais, assim como práticas sociais. Assim, Soares (2012, p.47), propõem que,

(...) teríamos que *alfabetizar eletrar* como duas ações distintas, mas não inseparáveis, ao contrário: o ideal seria *alfabetizar letrando*, ou seja: ensinar a ler e a escrever no contexto das práticas sociais da leitura e escrita, de modo que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, *alfabetizado e letrado* (grifos do autor).

Ao abordar as dificuldades vivenciadas no primeiro ano do Ensino Fundamental, o Professor C ressalta: “a energia deles, eles não param quietos, nem na explicação. Fazer, eles fazem tudo muito direitinho, mas é a questão de energia. Eles não conseguem ouvir você falando, eles querem brincar a todo o momento”, e o Professor F “falar demais (...) e todos ao mesmo tempo”.

O Professor B faz observações que o preocupam em relação ao desenho quando relata: “principalmente a representação do corpo. Está bastante reduzido, não há uma compreensão do espaço em relação ao tamanho da folha e a representação por palitinhos que não corresponde com a noção de desenho nessa idade”.

Já o Professor A pontua a questão de “domínio ou não da leitura”. Para ele, “uma das maiores dificuldades é que alguns já conhecem, dominam a leitura, e outros não conhecem as letras e o sonoro das mesmas”. O Professor E segue nesse mesmo contexto ao expressar:

No primeiro ano, nas aulas de inglês eu acho que a dificuldade maior é pelo fato deles não saberem ler ainda, ler, pronunciar as palavras, identificar as sílabas, as palavras, e eu preciso então trabalhar o tempo todo, ou a maioria do tempo com a oralidade e a escrita eu tenho que deixar um pouquinho de lado, mas também não posso dizer que é uma dificuldade, mas é o maior empecilho que eu encontro.

Diante das questões abordadas, considera-se relevante pontuar que o ingresso no primeiro ano do ensino fundamental é um momento de transição, de expectativas tanto por parte da criança, como do professor e da família, pois envolve a adaptação, uma proposta pedagógica pautada nas características e necessidades da criança. Assim, as peculiaridades dessa faixa etária, as múltiplas formas de expressão, as situações de interação do ensino e da aprendizagem que foram abordadas no grupo de estudo tem como sugestão de aprofundamento teórico os textos “A criança de seis anos e o primeiro ano do ensino fundamental” (RAPOPORT, et. al, 2009, p. 9-21), primeiro capítulo do livro *A criança de seis anos no ensino fundamental* e *O surgimento da figura humana* (COX, 2010, p. 37-57), capítulo 3 do livro *Desenho da criança*.

Observa-se também uma preocupação com os conteúdos e o planejamento nas falas dos professores. O Professor D relata: “(...) a dificuldade de conteúdos, do que trabalhar, do que levar pra eles que desperte o interesse, se sintam instigados interessados”, questão que também se faz presente na fala do Professor G: “acredito que a preocupação fundamental é com relação aos conteúdos e planejamento das atividades para que as aulas de informática possam contribuir de maneira significativa à aprendizagem do aluno”.

Com relação à preocupação dos professores diante da aprendizagem significativa, Ausubel (2001), baseia-se na questão que existe uma estrutura na qual organização e integração de aprendizagem se processam. Para ele, o fator que mais influencia a aprendizagem é aquilo que o aluno já sabe ou o que pode funcionar como ponto de ancoragem para as novas ideias. Assim, a interação articulada às vivências do aluno, possibilita a contextualização e a aprendizagem significativa.

Busca-se também identificar a percepção dos professores sobre interdisciplinaridade e práticas pedagógicas interdisciplinares desenvolvidas na alfabetização e letramento no primeiro ano do Ensino Fundamental, sempre enfatizando a questão da não fragmentação e o trabalho coletivo. Nesse contexto o Professor B observa: “é trabalhar integrando as disciplinas e não em partes, fragmentado. Não cada um em sua gavetinha, mas um trabalho coletivo”. Para o Professor D “(...) seria trabalhar num todo, não trabalhar em gavetinhas, trabalhar uma coisa só, seria um trabalho em conjunto, quando se está trabalhando um assunto o que cada professor, cada área poderia contribuir pra ajudar a somar esse conhecimento”.

Essa fragmentação, presente nas falas dos professores, além de esmigalhar o saber, impulsiona sem limites a hiperespecialização, que conforme Morin (2004, p.13-14) esta “impede tanto a percepção do global (que ela fragmenta em parcelas), bem como o essencial (que ela dilui). (...) Ao mesmo tempo, o retalhamento das disciplinas torna impossível apreender ‘o que é tecido junto’, isto é, o complexo” (grifos do autor).

O Professor E refere-se ao ensino e aprendizagem que possibilita a relação do assunto com diferentes disciplinas e sua compreensão:

É uma maneira de você englobar as diferentes, não só as diferentes disciplinas, mas também os diversos temas, e trabalhar de uma forma conjunta com as outras professoras, outras disciplinas. Eu acho que a interdisciplinaridade só vem a acrescentar no ensino e aprendizagem do aluno, porque se eu estou trabalhando um determinado conteúdo na aula de inglês e eu vou reforçar na aula de português, na aula de matemática, na aula de ciências, na aula de artes, eu acho o aluno vai (como é que eu posso dizer) vai relacionando o assunto, as diferentes disciplinas e isso só contribui pra que ele compreenda melhor o que está aprendendo.

Dessa maneira, percebe-se a relevância da articulação das diferentes áreas de conhecimento, assim como a compreensão de que o ensino e a aprendizagem são processos interligados. Freire (2011, p. 25) assinala que “não há docência sem discência. (...) Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”.

As percepções dos professores também envolvem o contexto social, questões de conteúdo, organização e planejamento coletivo. Para o Professor F “é estar trabalhando junto com outros professores, outras disciplinas, outras áreas, estar envolvendo conteúdos, no que for preciso dentro da sala de aula e no convívio social, trazer de fora para dentro da sala de aula também”. O Professor G considera que “a interdisciplinaridade é possibilidade de integração e troca entre as diferentes áreas do conhecimento. É aproximação das disciplinas em um trabalho coletivo e não mais fragmentado, que requer conhecimento da disciplina, organização e planejamento”.

Ao questioná-los se já vivenciaram a interdisciplinaridade no primeiro ano e de que forma, os relatos demonstram tentativas de trabalhos que partem de uma conversa breve entre o professor regente e alguns professores das áreas específicas, no entanto, cada um elabora o seu planejamento e em poucos momentos há oportunidade de refletir e socializar as práticas educativas e os processos do ensino e da aprendizagem.

Isso pode ser evidenciado em praticamente todas as falas dos professores entrevistados. O Professor B relatou: “trabalho em alguns momentos quando a professora de turma repassa o que está trabalhando, porém não há um tempo pra conversar, planejar juntas, apenas o repasse, cada um faz o seu planejamento e nem sempre há um retorno do que foi realizado”.

E, o Professor F argumentou:

Trabalhei assuntos sobre família, animais, mas acredito que poderíamos estar trabalhando mais coisas, mas é devido a falta de tempo mesmo e a nossa organização. O planejamento não foi junto, apenas uma de troca de ideias, cada uma teve o seu desenvolver e não teve uma conversa de como resultou o trabalho, apenas o que a gente conseguiu fazer foi expor algumas coisas, mas juntas infelizmente não.

Percebe-se diante das falas apenas a discussão inicial, não havendo comunicação e reflexão no desenvolvimento e na concretização da proposta de trabalho, o que inibe as relações que poderiam romper com as fronteiras disciplinares e conduzir interações entre os saberes docentes e não apenas ao repasse de informações. Para Japiassu (1976, p. 118), “tratando-se de um simples problema de trocas de organizações disciplinares imóveis, que não se modificam reciprocamente não podemos falar de método interdisciplinar”.

Ainda, o Professor G faz menção à multidisciplinaridade, ao relatar:

Acredito que tentamos em alguns momentos, trabalhar de forma interdisciplinar, porém é apenas em conversa em torno do tema ou conteúdo que tem aproximação com determinadas disciplinas e cada um a partir desse contato realiza o seu planejamento, mas individual. Acredito que esse trabalho seja multidisciplinar e não interdisciplinar. Não há tempo e uma organização para a construção coletiva e da socialização e reflexão diante do que foi trabalhado.

Ao conceituar multidisciplinaridade e interdisciplinaridade, Japiassu (1976, p. 72-74) esclarece que,

O termo multidisciplinar só evoca uma simples justaposição, num trabalho determinado, dois recursos de várias disciplinas, sem implicar necessariamente um trabalho de equipe e coordenado. (...) a solução de um problema só exige informações tomadas de um empréstimo a duas ou mais especialidades ou setores de conhecimento, sem que as disciplinas levadas a contribuir por aquela que as utiliza sejam modificadas ou enriquecidas.

(...) O espaço do disciplinar, quer dizer, o seu verdadeiro horizonte epistemológico, não pode ser outro senão o campo unitário do conhecimento.

Fomentaram-se outras questões a respeito da interdisciplinaridade que merecem atenção. A primeira se refere à incerteza diante do trabalho interdisciplinar quando o Professor D relata: “acho que não, talvez tenha trabalhado sem perceber, mas não de forma consciente”. E ao ser questionado sobre possibilidade do trabalho interdisciplinar, o mesmo argumenta: “acredito que sim, desde que haja união, conversa e uma preparação, o que cabe a cada um, o que cada um pode contribuir e disponibilidade. É um trabalho coletivo, deveria pelo menos ser”.

A segunda questão está relacionada ao uso do material didático apostilado. O Professor A fez referência ao mesmo ao pontuar “já trabalhei com arte(s) e educação física, mas só repassei os conteúdos e não sei o que foi trabalhado”. Ao ser questionado se era um projeto específico, salientou: “a partir da apostila Caminhos”. O Professor C assim se manifestou: “quando as professoras pedem, por exemplo, nos estamos trabalhando dia e noite, você tem como trazer isso pro nosso projeto, eu não acompanho o apostilado que nem elas têm, mas quando elas precisam realmente eu chego e digo vamos trabalhar isso”.

A partir dos depoimentos dos professores observamos que há presença da multidisciplinaridade e que de fato é essencial compreender que a interdisciplinaridade é mais complexa e exige superar a formação fragmentada e o pragmatismo, o que requer romper com a hierarquia das disciplinas, bem como promover a institucionalização de um trabalho em equipe. Porém, vale ressaltar que,

A única solução viável e eficaz para os perigos que a especialização crescente das disciplinas não pode deixar de ter é a cooperação dos especialistas num trabalho realizado em equipe. Contudo, esse trabalho não pode ser resultado de um espontaneísmo qualquer. Só revela sua fecundidade e sua eficácia na medida em que for institucionalizado (JAPIASSU, 1976, p. 126).

Os professores ainda apontam situações e diversidades que merecem um olhar reflexivo ao propor a interdisciplinaridade no contexto escolar. O Professor E ressalta: “Acho que a falta de tempo entre os professores faz com que isso não de frutos. Tem a questão de não poder sentar junto e às vezes eu acho que assim é muito cada um no seu quadrado, (...) nem todo mundo é muito aberto”, para o Professor B além da falta de tempo, também apresentada em sua fala, cita a “falta de disponibilidade e organização. É muito individual”

O Professor C reitera a questão ao pontuar:

Cada professor tem a sua individualidade, por mais que a gente consiga trabalhar juntos e o assunto, mas cada um trabalha da sua forma, do seu jeito e, precisamos aprender a sair da nossa disciplina e trabalhar juntos, precisamos aprender a fazer, tem muita individualidade, precisamos aprender a sentar juntos, conversar.

Dessa maneira, evidencia-se como fator imprescindível o permitir-se, bem como o esclarecimento de que embora sejamos um ser singular, nos humanizamos no coletivo, nos construímos nas relações, na necessidade de aproximação com o outro e não na submissão e alienação. Para Maturana (2001, p. 47), “se não há aceitação mútua e se não há aceitação do outro, e se não há abertura para que o outro exista junto de si, não há fenômeno social”.

Diante das relevantes questões abordadas no instrumento de pesquisa entrevista, fomentado questões iniciais de reflexão no grupo de estudo, constata-se a importância dessa formação para a construção de um arcabouço teórico a respeito da alfabetização e letramento a partir da interdisciplinaridade. Assim, o aprofundamento teórico, bem como a reflexão dos processos do ensino e da aprendizagem no grupo objetiva pensar a prática pedagógica contextualizada e com planejamento coletivo.

A partir das reflexões do grupo de estudo será possível planejar coletivamente e verificar quais atividades de ensino podem ser desenvolvidas na alfabetização e letramento de forma interdisciplinar com professores e alunos do primeiro ano do Ensino Fundamental, sendo que os encontros realizados, as observações e o planejamento serão registrados em um diário de campo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Embora o estudo esteja em construção, compreende-se que o respaldo teórico permite aprofundamento do tema da pesquisa, bem como tece algumas reflexões parciais frente ao objetivo de investigar como a interdisciplinaridade pode contribuir nos processos do ensino e da aprendizagem na alfabetização e letramento no primeiro ano do Ensino Fundamental.

A entrevista realizada com os professores que atuam no primeiro ano possibilitou momentos significativos de reflexão. Ao identificar a percepção dos professores em relação à alfabetização e letramento e a articulação com o aporte teórico, constata-se à complexidade em

definir em um único conceito o letramento, o qual apresenta dimensão individual e social, assim como a relevância de alfabetizar letrando.

Com relação à percepção sobre interdisciplinaridade e práticas pedagógicas interdisciplinares desenvolvidas na alfabetização e letramento no primeiro ano do Ensino Fundamental, é evidente a presença de fragilidades frente à conceitualização, bem como à possibilidade da concretização no contexto escolar, às quais não estão relacionadas apenas ao critério da falta de tempo, organização, planejamento, mas referem-se também a disponibilidade e a abertura ao outro em uma proposta de interação e colaboração.

Dessa maneira a observação participante iniciada a partir do grupo de estudos, está sendo uma oportunidade de aproximação com o contexto escolar e com o outro, estabelecendo reflexões pautadas no aporte teórico em relação ao tema proposto pela pesquisa, bem como uma relação de mutualidade, de compartilhar de experiências em uma proposta de planejamento coletivo.

Reitera-se que são considerações parciais visto que o estudo está em andamento e ainda requer uma análise mais aprofundada das reflexões do estudo de grupo. Os demais instrumentos de pesquisa, entre eles a observação participante, o diário de bordo, bem como o planejamento e elaboração de atividades de ensino ainda serão realizados.

## REFERÊNCIAS

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares: introdução**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BIZZOTTO, et.al. **Alfabetização linguística: da teoria à prática**. Belo Horizonte: Dimensão, 2010.

COX, M. O surgimento da figura humana. In: **Desenho da criança**. Trad. Evandro Ferreira. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 36-57.

DEMO, P. **Complexidade e aprendizagem: a dinâmica não linear do conhecimento**. São Paulo: Atlas, 2008.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 20. ed. São Paulo: Cortez, 1987.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FRIGOTTO, G. A interdisciplinaridade como necessidade e como problema nas ciências sociais. **Revista Ideação**, Centro de Educação e Letras da Unioeste, Foz do Iguaçu, v. 10, n. 1, p. 41-62, 1º semestre. 2008.

GAJARDO, M. **Pesquisa participante na América Latina**. Tradução de Tânia. Pellegrini. São Paulo: Brasiliense, 1986.

GATTI, B. A. **A construção metodológica da pesquisa em educação: desafios**. Revista Brasileira de Política e Administração, v. 28, n.1, p.13-34, jan/abr.2012.

\_\_\_\_. **Pesquisa em Educação: considerações sobre alguns pontos-chave.** Diálogo Educ. Curitiba, v. 6, n. 19, p. 25-35, set/dez 2006.

GOULART, C. A organização do trabalho pedagógico: alfabetização e letramento como eixos orientadores. In: BEAUCHAMP, J.; PAGEL, S.; NASCIMENTO, A. R. do. **Ensino Fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade.** Brasília, DF: MEC/SEB, 2007. p. 85-96.

JAPIASSU, H. **Interdisciplinaridade e patologia do saber.** Rio de Janeiro: Imago, 1976.

KATO, M. **No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística.** São Paulo: Ática, 1986.

MASINI, E. F. S.; MOREIRA, M. A. **Aprendizagem significativa: a teoria de David Ausubel.** São Paulo: Centauro, 2001.

MATURANA, H. R. **Cognição, ciência e vida cotidiana.** Trad. Cristina Magro e Victor Paredes. Belos Horizonte: UFMG, 2001.

MORIN, E. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento.** Trad. Eloá Jacobina. 9 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

\_\_\_\_ **Ciência com consciência.** Trad. Maria d. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. 14 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

RAMEH, L.; ARAÚJO, M. de S. Letramento e alfabetização na perspectiva do pensamento freireano. In: RAMEH, L.; ARAÚJO, M. de S. (Org.). **Aprimorando-se com Paulo Freire em alfabetização e letramento.** Recife: Bagaço, 2006. p.15-36.

RAPOPORT, et al (Org.). A criança de seis anos e o primeiro ano do ensino fundamental. In: **A criança de seis anos no ensino fundamental.** Porto Alegre: Mediação, 2009. p. 9-21.

RICHARDSON, R. S. **Pesquisa social: métodos e técnicas.** Colaboradores José Augusto de Souza Peres... (et al.) 3 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

SOARES, M. **As muitas facetas da alfabetização.** In: Alfabetização e letramento. São Paulo: Contextos, 2003.

\_\_\_\_. **Letramento: um tema em três gêneros.** 3. Ed. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2012.

TFOUNI, L. V. **Letramento e alfabetização.** São Paulo, Cortez, 1995.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1994.